

Experiências [im]possíveis: um olhar sobre a experiência, arte e educação

[im]Possible Experiences: a look at
experience, art and education

[im]Experiencias Posibles: una mirada a
la experiencia, el arte y la educación

Rebeca Pereira San Martins (UFPel-Brasil) ¹

Maristani Polidori Zamperetti (UFPel-Brasil) ²

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas, . Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6673633364913437>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0220-234X>, e-mail: becasanmartins@gmail.com.

2 Doutora em Educação (UFPel), Pós-Doutorado em Arte e Cultura Visual (UFG). Professora no Centro de Artes e no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPel), Mestrado e Doutorado. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8058990518394490> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9600-1988> E-mail: maristaniz@hotmail.com

RESUMO

O artigo investiga a experiência como elemento essencial na construção do conhecimento humano, destacando sua relevância para a arte e a educação. Com base em autores como John Dewey (1979), Jorge Larrosa (2002; 2015) e Italo Calvino (1994), o texto discute como a experiência ultrapassa o conhecimento técnico e acadêmico, oferecendo uma perspectiva subjetiva e transformadora da realidade. A pesquisa explora a proposta “Experiência [im] possível”, desenvolvida em um contexto educacional, refletindo sobre a importância da pausa, do sentir e da percepção na sociedade contemporânea. Argumenta-se que a experiência e a arte são formas de resistência ao produtivismo neoliberal, possibilitando um ensino mais sensível e democrático. O estudo conclui que valorizar o saber da experiência é um ato político que resgata a humanidade em um mundo acelerado e mecanizado.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Educação; Experiência.

ABSTRACT

The article investigates experience as an essential element in the construction of human knowledge, highlighting its relevance to art and education. Based on authors such as John Dewey (1979), Jorge Larrosa (2002; 2015), and Italo Calvino (1994), the text discusses how experience goes beyond technical and academic knowledge, offering a subjective and transformative perspective on reality. The research explores the proposal “Experiência [Im] possível” (“[Im]possible Experience”), developed in an educational context, reflecting on the importance of pause, feeling, and perception in contemporary society. It argues that experience and art are forms of resistance against neoliberal productivism, enabling a more sensitive and democratic approach to education. The study concludes that valuing experiential knowledge is a political act that restores humanity in an accelerated and mechanized world.

KEY-WORDS

Experience; Art; Education.

RESUMEN

El artículo investiga la experiencia como un elemento esencial en la construcción del conocimiento humano, destacando su relevancia para el arte y la educación. Basado en autores como John Dewey (1979), Jorge Larrosa (2002; 2015) e Italo Calvino (1994), el texto analiza cómo la experiencia va más allá del conocimiento técnico y académico, ofreciendo una perspectiva subjetiva y transformadora de la realidad. La investigación explora la propuesta “Experiencia [Im] posible”, desarrollada en un contexto educativo, reflexionando sobre la importancia de la pausa, el sentir y la percepción en la sociedad contemporánea. Se argumenta que la experiencia y el arte son formas de resistencia contra el productivismo neoliberal, posibilitando una educación más sensible y democrática. El estudio concluye que valorar el saber de la experiencia es un acto político que rescata la humanidad en un mundo acelerado y mecanizado.

PALABRAS-CLAVE

Experiencia; Arte; Educación

Introdução

A experiência é um elemento central na construção dos saberes humanos, funcionando como um ponto de encontro entre o vivido e o pensado. É a partir do contato direto com o mundo, mediado por nossos sentidos, emoções e reflexões que são acumulados transcendendo os limites teóricos e/ou abstratos. Esses saberes oriundos da experiência possuem um caráter único, moldado pelas especificidades culturais, sociais e históricas de cada sujeito ou coletivo.

Diferente de um saber puramente técnico ou científico, o saber da experiência carrega em si as marcas do vivido, do cotidiano e das interações que atravessam os indivíduos. Ele é situado, subjetivo e profundamente enraizado no contexto de quem o experimenta. Assim, a experiência não apenas informa, mas transforma, permitindo que cada um reorganize suas perspectivas, desenvolva resiliência e articule respostas frente aos desafios da vida.

John Dewey (1979b) destaca que é necessário compreender a experiência como algo que está sempre em movimento, onde a aprendizagem se dá por meio da ação e sobre essa ação. Ele sustenta que a educação, portanto, deve ser idealizada como um processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da experiência. Assim, a educação não é apenas uma preparação para a vida futura, mas um aspecto essencial da própria existência.

É a partir deste olhar sobre a experiência que me debruçarei, tendo como principal objetivo refletir sobre questões que emergem dos saberes que advêm das experiências e que potencializam a forma de pensar a arte e a educação como caminhos significativos para o desenvolvimento de um indivíduo consciente e capaz de aprofundamento crítico sobre a realidade e questionador de um mundo que está em constante aceleração.

Jorge Larrosa (2002) define o saber experiencial como algo que vai além da mera informação ou da simples acumulação de conhecimentos, ele menciona que:

O saber da experiência não é um saber de coisas ou de informações, mas um saber sobre o que nos acontece, sobre o que nos toca e nos transforma. É um saber ligado ao sentido que damos às coisas que nos afetam e que nos fazem ser quem somos (Larrosa, 2002, p. 24).

Deste modo, essa escrita reflete as potencialidades advindas de uma proposta intitulada “experiência [im]possível” e das vivências e discussões realizadas ao longo da disciplina ministrada no curso de Pós-Graduação em Educação denominada “Seminário Avançado: Experiência e Arte na Formação Docente”. Para embasar os diálogos utilizou-se como ponto de partida alguns autores, como Italo Calvino (1994), Walter Benjamim (1987), Jorge Larrosa (2002; 2015), João-Francisco Duarte Jr. (2010), John Dewey (1979; 2011), entre outros autores. Além das vivências individuais que dialogaram de forma dançada, interligada e sensível ao que emergia ao longo dos encontros.

Experiência [im]possível: Vento, ventania...um lugar para sentir

A provável experiência se deu em propiciar a si mesmo um espaço/tempo para viver uma experiência [que poderia vir a acontecer, ou não]. Escolheu-se um local/ambiente em que fosse possível ficar à vontade, consigo mesmo. Não evitando contato com outras pessoas, porém sem a intenção de buscá-las. Se houvesse, por acaso, a mesma faria parte da experiência. Duas possibilidades foram elencadas: ter um objetivo definido para a experiência ou não o ter [ainda assim, o terá]. Foram efetuados registros - pensamentos, sentimentos, emoções, observações - e a partir disso realizou-se uma escrita reflexiva, a qual se discorre abaixo:

Sento-me na beira da lagoa em um dia que o vento cantava mais que os passarinhos que em minha volta estavam. Pude observar o movimento que a água fazia a cada sopro de vento. Mas, também, olhei ao redor para ver os passos que cada pessoa dava ao caminhar naquele dia ventoso.

Ao me deixar levar por aquele momento, meu corpo, meus cabelos, minha roupa e até mesmo o ar que eu respirava estavam dançando na medida em que o vento ali passava. Comecei a perceber meu corpo e fechei meus olhos. Era como se a corrente de ar, o barulho, o movimento fizessem-me mover, mesmo estando/parecendo estática. Sensação de flutuar, sem estar flutuando, voar, sem estar voando. Apenas estava sentada, deixando que as rajadas de ar passassem por mim, por dentro de mim, através de mim. Naquele momento só fiz a tentativa de esvaziar meus pensamentos e vivenciar o que emergia naquele instante.

Próximo de uma hora naquele lugar, levanto, alongo, olho ao meu redor e de passos lentos retorno a realidade que em instantes me esperava. Posteriormente paro para pensar sobre o que vivenciei - ou será... experienciei – neste período, e reflito sobre o pouco que nos permitimos parar, parar para nos esvaziarmos e sentirmos um pouco do que o ambiente que, muitas vezes, fazem parte do nosso dia a dia, tem a nos mostrar. Hoje as pessoas se encontram em um mundo caótico, frenético... Onde parar é perda de tempo, onde parar é algo desnecessário. Vivemos em um tempo em que a sociedade está cada vez mais doente, mais egoísta, mais insensível... Cada vez menos nos percebemos e percebemos o outro.

As pessoas se cruzam como se fossem robôs. Caminham como se estivessem em uma corrida sem fim. Buscam algo que talvez não possam alcançar. E o ponteiro do relógio se move mais rápido do que nunca. Pós-experiência, me deparo com esses emaranhados que hoje nos rondam e fazem parte de quem somos, pois fazem parte da sociedade que estamos inseridos. Isso me assusta, pois, eu também, me deparo com essa corrida diária.

O que essa experiência me passou, me transpassou e me fez pensar é que: precisamos parar... Precisamos nos perceber... Precisamos perceber o outro... Preciso, também, me movimentar, com o mesmo rigor e vigor que o vento se movia nesse dia, naquele instante.

Saber da experiência – um olhar para o que nos passa

O saber que advém da experiência ultrapassa o campo do conhecimento teórico e acadêmico, fundamentando-se nas vivências concretas, nas relações interpessoais e na forma como os sujeitos atribuem significado aos eventos de suas vidas. Não se trata apenas de acumular eventos vividos, mas de processá-los, ressignificá-los e traduzi-los em aprendizado que oriente ações futuras. Nesse sentido retomo a experiência mencionada acima, em que me sento à beira da lagoa conectando-me com o ambiente à minha volta.

Neste momento propicie que meus sentidos se conectassem no aqui-agora transformando a vivência³ em uma experiência vivida de maneira consciente e plena, não sendo apenas um acúmulo do vivido, mas um encadeamento de novas possibilidades do pensar e das significações que surgiram e atravessaram em mim naquele instante.

Cabe destacar que a compreensão de experiência nesta escrita vai ao encontro com o conceito apresentado na obra “Arte como Experiência (Dewey, 2010)”, entendendo-a como transformação mútua que envolve o sujeito e o ambiente, deixando marcas, a partir de um processo incessante de interação com início, desenvolvimento e finalização.

Neste sentido, a experiência, na perspectiva deweyana, agrega um viés formativo, englobando a percepção, a emoção, a ação e a reflexão, dimensões essenciais nos processos artísticos e educativos, em que o sujeito se envolve, se afeta e se transforma.

Deste modo, Dewey⁴ nos faz compreender este processo de experiência a partir de dois aspectos, os quais ele denomina de ativo e passivo, sendo assim:

Em seu aspecto ativo, a experiência é tentativa — significação que se torna manifesta nos termos experimento, experimentação que lhe são associados. No aspecto passivo, ela é sofrimento, passar por alguma coisa. Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as consequências. Fazemos alguma coisa ao objeto da experiência, e em seguida ele nos faz em troca alguma coisa: essa é a combinação específica, de que falamos (Dewey, 1979b, p. 152).

Compreende-se que o processo denominado ativo se dá pelo momento em que o sujeito se depara com a ação e com o processo de direcionar-se ao que será supostamente experimentado. Sendo este o movimento de colocar-se conscientemente neste lugar de ação. Acredito que o relato da experiência [im] possível exemplifica este momento de conscientização da ação e do direcionamento do que se propõe viver e experienciar.

3 Entende-se por vivência um acontecimento que envolve uma percepção sensorial singular do cotidiano, sendo superficial e mais efêmera.

4 Vale salientar que para Dewey a experiência é essencialmente instrumental, na qual pode ser planejada e direcionada. Sendo um processo ativo e ferramenta para construção do conhecimento e desenvolvimento pessoal. Já Larrosa propõe uma visão distinta, enfatizando a experiência como uma dimensão subjetiva e existencial, não podendo ser totalmente controlada ou antecipada.

Já o caráter passivo da experiência nada mais é o processo que sucede a ação, sendo ele o momento em que o sujeito se depara com o que a mesma reverberou em si. Nas palavras de Dewey:

quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as consequências. Fazemos alguma coisa ao objeto da experiência, e em seguida ele nos faz em troca alguma coisa: essa é a combinação específica, de que falamos (Dewey, 1979a, p. 152).

Esse tipo de saber é, muitas vezes, negligenciado em uma sociedade que valoriza o conhecimento técnico e científico, estruturado e quantificável. Contudo, ele desempenha um papel crucial na formação da subjetividade e na construção da identidade. É no terreno da experiência que se revelam as singularidades de cada indivíduo e, paradoxalmente, os traços comuns que nos conectam enquanto seres humanos.

A atualidade e a sociedade como mecanismo de processamento de informações (Larrosa, 2015) contribuíram com o cancelamento de possibilidades dessas experiências. Estamos em um meio em que as informações chegam a todo instante, e como descreve Larrosa (2015, p.18) “informação não é experiência”.

A experiência não é neutra; ela é atravessada por estruturas sociais, econômicas e culturais. No contexto contemporâneo, dominado pelas lógicas do neoliberalismo, a vivência humana frequentemente é mercantilizada, e os saberes derivados dela são desvalorizados, a menos que possam ser instrumentalizados para produtividade. Essa dinâmica reforça a desconexão entre o saber da experiência e as estruturas de poder que determinam quais tipos de conhecimento são legitimados. Essas questões me fazem refletir, como é possível experienciarmos quando:

o que surge diante do seu olhar parece-lhe algo que viu já todos os dias: ruas cheias de pessoas que têm pressa e que abrem caminho à cotovelada, sem se olharem na cara umas das outras, por entre altas paredes cheias de arestas e de gretas. Ao fundo, o céu cheio de estrelas envia clarões intermitentes, como se fosse um mecanismo encravado, que estremece e rangem todas as suas juntas mal oleadas, postos avançados de um universo periclitante, torcido, sem descanso tal como ele (Calvino, 1994, p. 66).

Está cada vez menos visível encontrarmos pessoas conscientes do sentir, ou seja, com olhar voltado à percepção de seus sentidos. A reflexão trazida por Calvino nos mostra que a sociedade tem se tornado mais obscura, no sentido, de nem mesmo se perceber e perceber o outro, seja enquanto sujeito individual, mas também, como um sujeito coletivo, no qual faz parte do que está sendo experienciado e vivido. A sociedade moderna tem se focado no progresso tecnológico e na eficiência, priorizando os sentidos funcionais e a racionalidade, deixando de lado uma percepção mais plena e sensorial do mundo (Duarte Jr., 2010).

Esse processo de dessensibilização da sociedade estreita cada vez mais os modos de sentirmos e percebermos, o que gera uma alienação tanto do corpo como do meio. Pergunto, será que, ainda, é possível vivenciarmos o saber da experiência em nosso dia a dia? Ou só será possível quando nos propormos a tentar vivenciá-lo?

Precisamos parar, pensar e refletir. É necessário termos mais “experiências [im] possíveis” para que o possível aconteça. Sabe-se que o saber da experiência carrega um potencial transformador. Ele nos ensina a escutar, a empatizar, a reconhecer a pluralidade de perspectivas e a construir um senso de comunidade baseado na partilha. Reconhecer e valorizar esse saber é um ato político que desafia as lógicas excludentes do presente.

Acredito que incorporar ao saber da experiência significa abrir espaço para a escuta e para a reflexão crítica no cotidiano. É aprender com os erros, valorizar as histórias e trajetórias pessoais e coletivas, e permitir que o conhecimento gerado pela vivência informe nossas decisões, tanto individuais quanto sociais.

Saber da Experiência, Arte e Educação

No contexto da educação, o saber da experiência nos convida a repensar o papel da escola e das instituições educacionais. Nesse sentido, é relevante considerar também as contribuições de Paulo Freire (1996), cuja pedagogia valoriza a experiência do educando como ponto de partida para a construção do conhecimento. Para Freire, a educação é prática da liberdade, na medida em que promove a conscientização crítica e o diálogo entre sujeitos históricos. A experiência vivida pelos alunos, portanto, não pode ser ignorada ou reduzida, mas sim reconhecida como base legítima para o processo formativo. Como aponta o autor: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 47). Essa concepção dialógica reforça a importância de se considerar as experiências individuais e coletivas como elementos fundantes do processo educativo.

A educação tradicional frequentemente prioriza a transmissão de conteúdos objetivos, mensuráveis e universais. No entanto, ao considerar a experiência como fonte legítima de saber, abre-se espaço para práticas pedagógicas mais abertas, criativas e dialógicas, em que a subjetividade e o contexto do estudante ocupam um lugar central. Nessa perspectiva, a verdadeira experiência envolverá o indivíduo em sua totalidade. Isso quer dizer que o aprendizado se dará não apenas pelo intelecto que sistematiza e organiza. Também se aprende com o sentimento e a intuição. (Dewey, 2010).

Jonh Dewey (2010) reflete e nos convida a pensar sobre uma educação que não se limite à transmissão de conteúdo ou à permissividade irrestrita, mas que seja guiada pelo princípio da experiência. Esse é um ponto a ser destacado, pois na sociedade contemporânea, onde o neoliberalismo pressiona os indivíduos à conformação com padrões de produtividade e eficiência, o saber da experiência e

a arte oferecem resistência. Eles nos lembram de nossa condição humana, de nossa capacidade de sentir, imaginar e criar sentido para além das lógicas utilitaristas. Na educação, cultivar essas práticas é não apenas uma forma de ensinar, mas também de preservar espaços de liberdade e criação. É bom lembrar que o objetivo da educação é promover nos indivíduos a continuação da sua educação, tendo a aprendizagem como a possibilidade de desenvolvimento constante.

Mas esta ideia só se pode aplicar a todos os membros de uma sociedade quando há mútua cooperação entre os homens e existem convenientes e adequadas oportunidades para a reconstrução dos hábitos e das instituições sociais por meio de amplos estímulos decorrentes da equitativa distribuição de interesses e benefícios. E isto significa sociedade democrática (Dewey, 1979a, p. 108).

A arte, por sua vez, é um campo privilegiado para a construção do saber experiencial, que pode tornar as pessoas mais predispostas ao estabelecimento de relações democráticas. Além disso, autores como Ana Mae Barbosa (2007) destacam a importância de uma educação artística que seja contextualizada, significativa e crítica. Sua proposta da Abordagem Triangular – que envolve apreciação, contextualização e produção – coloca a experiência estética e artística como parte central do processo educativo. A arte, quando incorporada de forma crítica e sensível, potencializa a formação integral e o exercício da autonomia dos sujeitos.

Ao lidar com o sensível, o subjetivo e o indizível, a arte ultrapassa as barreiras do conhecimento formal e cria experiências que transformam tanto o artista quanto o espectador. Na educação, a arte atua como mediadora desse saber experiencial, pois permite que os alunos expressem suas vivências, experimentem novas perspectivas e se reconectem com a própria subjetividade. Larrosa (2002) menciona a experiência como:

a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p. 24).

Desde modo o “saber da experiência” está profundamente ligado às vivências refletidas, ao aprendizado que se constrói no cotidiano e na interação com o mundo. Essa perspectiva nos faz reforçar a importância de um ensino que dialogue com a vida cotidiana, que reconheça a subjetividade dos sujeitos e que valorize o encontro entre arte e educação como uma prática emancipatória. Dewey considera que a:

vida é desenvolvimento e que o desenvolver-se, o crescer é a vida. Traduzido em termos educacionais equivalentes, isto significa: 1.º) que o processo educativo não tem outro fim além de si mesmo: ele é seu próprio fim; e que, 2.º) o processo educativo é um contínuo reorganizar, reconstruir, transformar (Dewey, 1979a, p. 53).

Nesse sentido, o saber da experiência e a educação não é apenas um aprendizado, mas uma ética e uma forma de existência e construção de si e do mundo.

Findando o infindável...

Vivemos em tempos em que o aceleração do cotidiano e a lógica produtivista tentam silenciar o poder transformador do saber da experiência. A arte, como mediadora sensível, e a educação, como espaço de reflexão e encontro, são formas de resistência a essa alienação contemporânea. Ambas permitem que os sujeitos se reconectem com a própria subjetividade, transcendam as lógicas utilitaristas e percebam o mundo de maneira mais integral.

Reconhecer o saber da experiência, especialmente em contextos educativos, é um ato político e cultural. É abrir espaço para práticas pedagógicas que valorizem as singularidades dos sujeitos, suas histórias e vivências, e fomentar um ensino que dialogue com a vida. Em última instância, trata-se de cultivar o encontro entre arte, educação e experiência como uma via para redescobrir o que significa ser humano em um mundo cada vez mais mecanizado e desumanizante. Que possamos, portanto, parar, sentir e deixar-nos tocar pelo mundo e pelos outros, resgatando o essencial: a experiência como caminho de transformação.

Além disso, diante dos desafios impostos pela contemporaneidade, é imprescindível repensarmos nossas práticas cotidianas, tanto no âmbito educacional quanto no social, para garantir que a experiência continue sendo uma ferramenta de humanização. O resgate da sensibilização e da escuta atenta é um convite para que possamos perceber a complexidade das relações humanas e do próprio ato de existir. Afinal, a educação que privilegia a experiência também promove a construção de sujeitos mais críticos, empáticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Nesse sentido, a valorização do sentir e do refletir deve ultrapassar os muros institucionais e permear os diversos espaços de convivência. Ao trazer a arte e a experiência como fundamentos para a aprendizagem e para a vida, abrimos caminhos para o desenvolvimento de uma sociedade mais sensível e menos alienada. Assim, findamos não um pensamento estagnado, mas sim um convite a que essa reflexão se perpetue, inspirando novos olhares e novas possibilidades de transformação através da experiência.

Retomar o valor do saber da experiência no campo educacional implica também repensar currículos, tempos e espaços escolares. Como afirmam Sacristán e Gómez (1998), os processos educativos precisam deixar de ser pautados apenas por

prescrições externas e incorporar as experiências cotidianas dos sujeitos escolares como fonte legítima de saber. Isso supõe romper com a linearidade dos conteúdos e permitir que a educação se torne, de fato, um espaço de transformação e diálogo.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CALVINO, Italo. O Universo como Espelho. In: CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação**. 4 ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979a.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979b.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O Sentido dos Sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 5 de março. 2025.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre Experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Ángel Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Submissão: 05/03/2025

Aprovação: 23/04/2025